

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa — Rio de Janeiro — Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

Polêmicas literárias e mercado editorial Brasil-Portugal na segunda metade do século XIX.

Valéria Augusti¹

UNICAMP

RESUMO

A presente comunicação tem por objetivo demonstrar a importância do público leitor brasileiro para os escritores portugueses da segunda metade do século XIX a partir da leitura de algumas polêmicas que se desenvolveram no campo literário português desse período.

PALAVRAS CHAVE:

polêmicas literárias; mercado editorial; relações Brasil-Portugal; século XIX.

Em biografia sobre Varnhagen para o *Diccionario Popular, Historico, Geographico, Mytologico, Biographico, Artistico, Bibliographico e Litterario*, publicado em 1884, Pinheiro Chagas afirmava que quase sempre existiam ódios intensos e rivalidades entre as metrópoles e suas ex-colônias, mas que, no caso de Brasil e Portugal, esse ódio só seria válido para as camadas inferiores da sociedade, e não para as suas elites esclarecidas:

Não sucede porem isso, pelo menos tão geralmente como em outros paises, entre Portugal e o Brazil. Se nos seios das classes menos ilustradas do povo brasileiro vivem tenazmente arraigados sentimentos de ódio contra os portuguezes, que se manifestam por uma ou outra explosão deplorável, e que n'uma parte da imprensa encontram ecos selvagens, em compensação os homens esclarecidos do Brazil, não ocultam a sua viva sympathia por Portugal, assim como também os nossos homens mais ilustrados estendem sua mão amiga aos portuguezes da América. Esta troca de sympathias é bem

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). E mail: vaugusti@hotmail.com.

*patente na litteratura. Foi Alexandre Herculano o que primeiro saudou com entusiasmo o estro nascente e já brilhante de Gonçalves Dias, as produções da imprensa portugueza encontram sempre na critica e no publico do Brazil o mais lisongeiro acolhimento.*²

A se pautar pelo discurso de Pinheiro Chagas, poder-se-ia supor que as elites letradas dos dois países compartilhavam uma história de relações respeitadas e harmônicas. No entanto, em fins da década de 60 e no decorrer da seguinte, homens de letras de ambas as nações haviam protagonizado verdadeiras trocas de ofensas, registradas em algumas das polêmicas literárias desse período.

Na década de 60, a imagem de opulência que se tinha a respeito do Brasil em virtude dos imigrantes que aqui procuravam enriquecimento era acompanhada de outra imagem, francamente depreciativa, de um país onde vivia gente ignorante, sem o mínimo lastro cultural. Esse tipo de representação é visível na polêmica conhecida como a “Questão Coimbrã”, que teve como protagonistas Antonio Feliciano de Castilho e Antero de Quental.³ Este último, no folheto *Bom Senso e Bom gosto. Carta ao ex.mo sr. Antonio*

² CHAGAS, PINHEIRO. DICCIONARIO POPULAR, HISTORICO, GEOGRAPHICO, MYTOLOGICO, BIOGRAPHICO, ARTISTICO, BIBLIOGRAPHICO E LITTERARIO. Dirigido por Pinheiro Chagas (sócio effetivo da Academia real de Sciencias de Lisboa). 13 vol, Lisboa:Typ. Da Viúva Sousa Neves, 1884, p.249.

³ Os folhetos que compõe a polêmica são: *Bom senso e bom gosto. Folhetim a proposito da «Carta» que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao sr. Antonio Feliciano de Castilho. Por Manuel Pinheiro Chagas.* Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves 1865. 8.º gr. de 8 pag. - O folhetim reproduzido neste opusculo sahira no *Jornal do Commercio* n.º 3629, de 22 de Novembro de 1865.; *Bom senso e bom gosto. Resposta á «Carta» que o sr. Anthero do Quental dirigiu ao ex.mº sr. Antonio Feliciano de Castilho. Por Manuel Roussado.* Lisboa, imp. de J. G. de Sousa Neves 1865. 8.º gr. de 12 pag.; *Carta de Elmano da Cunha, em resposta a outra «Bom senso e bom gosto», dirigida por Anthero do Quental ao ex.mo sr. Antonio Feliciano de Castilho, etc.* Coimbra, Imp. da Universidade 1865. 8.º gr. de 15 pag.; *O senhor Antonio Feliciano de Castilho, e o senhor Anthero do Quental. Por Julio de Castilho.* Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves 1865. 8.º gr. de 40 pag. Teve segunda edição, ibi, Typ. da Rua dos Gallegos n.º 38, Fevereiro de 1866. 8.º gr. de 37 pag.; *As theocracias litterarias. Por Theophilo Braga.* Lisboa, Typ. Universal 1865. 8.º gr. de 11 pag.; *A dignidade das letras, e as litteraturas officiaes. Por Anthero do Quental.* Lisboa, Typ. Universal 1865. 8.º de 48 pag.; *A «Carta» do sr. Anthero do Quental ante os srs. Pinheiro Chagas, Manuel Roussado e Julio de Castilho. Por Ruy Portocarrero.* Lisboa, Typ. de Vicente Alberto dos Santos 1865. 8.º gr. de 16 pag. - Houve segunda edição augmentada.; *Os Litteratos em Lisboa. Poemeto por A. Ferreira de Freitas, illustrado por Jeronymo da S. Motta, bacharel na faculdade de Theologia e Direito.* Coimbra, Imp. Litteraria 1865. 8.º gr. de 32 pag., com quatro estampas.; *O mau senso, e o mau gosto. Carta mui respeitosa ao ex.mo sr. Antonio Feliciano de Castilho, em que se fala de todos, e de muitas pessoas mais, por Amaro Mendes Gaveta, com uma conversação preambular por Gaveta Mendes Amaro.* Lisboa, Imp. de J. G. de Sousa Neves 1866. 8.º gr. de 16 pag. Em verso. - Foi auctor deste opusculo o sr. dr. Antonio Manuel da Cunha Belem.; *Bom senso e bom gosto. Carta de boas festas a Manuel Roussado.* Por S. d'A. Coimbra, Imp. Litteraria 1866. 8.º gr. de 13 pag.

Feliciano de Castilho, por Anthero do Quental, publicado em Coimbra no ano de 1865, afirmara que as obras de Feliciano de Castilho somente agradavam os leitores do império do Brasil, “uma turba de gente que nunca leu nem pensou”.⁴

Ofendido com tal consideração, Romeo Junior⁵, português residente no Brasil, poeta e colaborador de periódicos como o *Correio Mercantil* e a *Marmota*, publicou em Braga, no ano de 1866, o folheto *As letras no Brazil, duas palavras acerca de um folheto do snr A. Do Quental*. Nele, Romeo Junior afirmava:

Julga sua s.a que o Brazil é algum paiz atrazado em civilização ou habitado unicamente por gente boçal?

*Conhece o estado da litteratura brazileira? Se o conhece, como nega aquillo que sabe, e se não o conhece, como falla d'aquillo que ignora?*⁶

A seu ver, a literatura brasileira possuía um crescido número de escritores distintos tanto em prosa como em verso, figurando entre eles Manoel Antonio Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Manoel Joaquim de Macedo, Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Pedro de Calasans, Fernandes Pinheiro, José de Alencar, Teixeira de Mello, Pereira da Silva, Bruno de Seabra, Pinto de Campos, Bittancourt da Silva, Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães e Francisco Octaviano de Almeida Rosa.

- Em verso.; *Litteratura d'hoje*. Por J. D. Ramalho Ortigão. Porto, Typ. do Jornal do Porto 1866. 8.º gr. de 61 pag.; *Vaidades irritadas e irritantes. Opusculo ácerca d'uns que se dizem offendidos em sua liberdade de consciencia litteraria*. Por Camillo Castello-Branco. Porto Typ. Lusitania 1866. 8.º gr. de 47 pag.; *A Escola coimbrã. Cartas do sr. conselheiro José Feliciano de Castilho ao «Correio Mercantil» do Rio de Janeiro*. Lisboa, Typ. do Futuro 1866. 8.º gr. 1.º e 2.º opusculos, com 32-48 pag. - Foram reproduzidas do *Correio Mercantil* onde appareceram primeiro nos n.os 349, 353, 356, de 1865; e 7, 9, 10, 12, 17, 18 e 21, de 1866.

⁴ ROMEO JUNIOR, S. *As letras no Brazil: duas palavras acerca de um folheto do snr. Anthero de Quental*. Braga: Typ. De Domingos Gouveia, 1866, p. 5.

⁵ José Elias Soares Romeo Junior nasceu no Porto a 29 de maio de 1839. Foi para o Rio de Janeiro onde se dedicou ao comércio. Regressou a Portugal em 1868, exercendo entre 1873 e 1878 a função de guarda livros do Banco Comercial de Braga.colaborou nos periódicos fluminenses *Correio Mercantil*, a *Marmota* e a *Messe*. Foi sócio correspondente do Retiro Literário do Rio de Janeiro para cuja fundação concorreu; e Cavalleiro da Ordem de Christo por decreto de 12 de abril de 1870. Cf. o vol XII do *Dicionário Bibliográfico Português*. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Continuados e ampliados por P. V. Brito Aranha. Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves, Lisboa, Imprensa Nacional, 23 vol., 1858-1923.

⁶ ROMEO JUNIOR, S. Obra citada, p. 5.

Da existência de tais escritores, se podia, conforme acreditava, depreender que o “povo”, não apenas lia, como marchava na “estrada da civilização”. Prova disto seria o fato de grande parte dos livros portugueses terem como destino o mercado editorial brasileiro:

*Notaremos de passagem, que, apesar de no Brazil se não ler, como diz o author das Odes Modernas, é lá onde os livros, sahidos dos prelos portuguezes, tem grande extracção.*⁷

Em 1879, ano em que defenderia ardorosamente o direito de propriedade literária das obras portuguesas que circulavam no Brasil, Camillo Castello Branco publicou o *Cancioneiro Alegre de poetas portuguezes e brasileiros*, onde tecia apreciações nem um pouco elogiosas aos poetas da ex-colônia que, conforme afirmava, tinham maior penetração no mercado literário português: Gonçalves Dias e Fagundes Varella. Sobre o primeiro, Camillo Castello Branco considerava que “*Se vivesse mais uns annos, entraria com os seus versos na região glacial do esquecimento*”.⁸ Mas era a Fagundes Varella que reservava sua verve mais irônica, sustentada sobre as supostas “incoreções” gramaticais por ele cometidas:

Os apreciadores portuguezes da Lyra brasileira distinguem com especial louvor Fagundes. É bastante citado este paulista, e tão lido cá, ao que parece, que a especulação o reimprimiu no Porto em 1875, reproduzindo-lhe o prefácio de 1861. O author, querendo bem graduar a futilidade da poesia e attenuar a ousadia de a dar à estampa, a instâncias de amigos pergunta: “Qual é o estadista, o homem de negócios que não se sentiu alguma vez na vida poeta, que aos ouvidos de uma pallida Magdalena ou Julieta, esquecendo-se dos Algarismos da estatística, não se lembrou que haviam brizas e passarinhos, illusões e devaneios? E grammatica. Também seria bom lembrar-se, aos ouvidos das Magdalenas e Julietas, que havia regras para o verbo haver, além de brizas para refrigerio da epiderme, e

⁷ ROMEO JUNIOR, S. Obra citada, p. 9.

⁸ CAMILLO CASTELLO BRANCO. *Cancioneiro alegre de poetas portuguezes e brasileiros comentado por Camillo ...* Porto e Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879, p. 284.

*passarinhos para o deleite dos ouvidos. Em poesia, um sabiá não substitue a syntaxe, e as flores do Ingá que rescendem no jequitibá não disfarçam a corcova d'um solecismo.*⁹

Esse tipo de apreciação causou também um verdadeiro incômodo entre os leitores brasileiros, como se pode depreender da leitura do artigo “Os críticos do Cancioneiro Alegre”, publicado pelo próprio Camillo Castello Branco na *Bibliographia Portugueza e Estrangeira* referente ao mês de outubro de 1879. Nesse artigo o romancista português respondia a Arthur Barreiros¹⁰ que havia escrito a ele uma carta demonstrando seu desconforto em relação às avaliações sofridas pelos poetas brasileiros.¹¹ Ao que sugere Camillo, Arthur Barreiros teria ameaçado dar-lhe uma surra se ele pisasse no Brasil: *Este sujeito escreve-me que tem uma excelente bengala de Petrópolis com a qual me baterá, se eu for ao Brazil admirar os cérebros de tapioca.*¹² À ameaça, Camillo respondia com todo tipo de impropério:

*O mulato estava a brincar; elles teem a debilidade escangalhada do sangue espúrio, escorrido das podridões das velhas colônias que de lá trouxeram á Europa a gafaria corrosiva; às vezes excitam-se bastantemente com cerveja ordinária, teem então ímpetos imoderados, dão guinchos, fazem caretas, coçam as barrigas, exigem banana, e não fazem mal a gente branca.*¹³

O romancista português afirmava, então, ter o desejo de em breve vir ao Brasil para encontrar o seu adversário. Se nesta ocasião concluisse que este não passava de “um mono

⁹ *BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA. Publicação Mensal. Ernesto Chardron, editor. 1 anno, n 5, 1879, p. 71.*

¹⁰ Segundo consta no vol XII do *Dicionário Bibliográfico Português* de Innocencio Francisco da Silva, Arthur Barreiros seria autor de uma biografia sobre Machado de Assis.

¹¹ Não foi possível localizar o texto original, de maneira que as considerações sobre seu conteúdo se devem às citações de Camillo Castello Branco.

¹² *BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA. Publicação Mensal. Obra citada, p. 177.*

¹³ *Idem, p. 177.*

vulgar, pacífico”, haveria de levá-lo a Portugal e exibi-lo na feira de Belém a 20 réis para compensar suas despesas de viagem. No caso de ele se mostrar feroz, haveria de fazê-lo arrebentar por um carroceiro do Minho e depois mandá-lo empalhar na rua dos inválidos.¹⁴

A animosidade provocada pelas publicações portuguesas que faziam troça dos brasileiros não se resume aos dois episódios acima referidos. Supõe-se que a publicação de *As Farpas* no Brasil tenha sido o estopim de inúmeras agressões sofridas pelos comerciantes portugueses residentes na cidade de Goiânia, próxima ao Recife.¹⁵

Como a polêmica em torno do folheto de Quental e da publicação do *Cancioneiro Alegre*, *As Farpas* tiveram também reação em terras brasileiras, sendo uma delas *Os Farpões*, edição que circulou em cadernos semanais antes de ser publicado no formato livro. Seu autor, José Soares Pinto Correia, vinha em defesa do imperador D. Pedro II, ridicularizado por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão. Chamando estes últimos de “répteis audaciosos e nojentos”, José Pinto Correia parodiava as crônicas lisboetas atacando os portugueses imigrantes, chamando-os de parrudos, carroceiros, caixeiros de loja de fazenda ou armarinho, o que de fato dizia respeito a algumas das atividades por eles exercidas no Brasil. Pretendendo humilhar os autores de *As Farpas*, afirmava que em virtude de sua pobreza, os portugueses dependiam da compra de seus livros pelos brasileiros:

*Vós sabeis perfeitamente que todos os livros que vêm de vossa terra para aqui, os brasileiros benignamente acolhem, não às vezes pela importância deles, mas pelo espírito de caridade de que incontestavelmente são dotados os brasileiros. Os brasileiros convictos de que precisais de dinheiro, isto é, de que sois extraordinariamente pobres, e que mais vale um livro, embora repleto de asneiras e sandices, do que dois mil réis, não hesitam em dar consumo a milhares de exemplares”.*¹⁶

¹⁴ *Idem*. p. 178.

¹⁵ No artigo em questão os autores afirmam que aos olhos da opinião pública o brasileiro não teria nenhum tipo de distinção ou espírito, sendo visto como um frequentador de hotéis sujos e lúgubres, namorado de mulheres ridículas e autor de “versos aleijadamente facetos”.

¹⁶ Apud: CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queiroz: agitador do Brasil*. SP: Companhia Editora Nacional, 1966, p. 69.

A defesa dos brasileiros, sustentada via de regra sobre o argumento da dependência dos escritores portugueses em relação ao público leitor da ex-colônia, parece encontrar respaldo nas taxas de alfabetização exibidas por Portugal. Em 1900, o país contava com 78,6 % da população analfabeta.¹⁷

Com um público leitor diminuto e, provavelmente, dependendo do mercado consumidor de livros do Brasil para escoar a sua produção literária, não interessava aos homens de letras portugueses ver a literatura brasileira prestigiada em suas terras. Talvez isso explique, em parte, os ataques sofridos pelos escritores brasileiros que, ao longo do século XIX se sentiram ignorados e desprestigiados pela elite letrada portuguesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA. Publicação Mensal. Ernesto Chardron, editor. 1 anno, n 5, 1879.

CAMILLO CASTELLO BRANCO. *Cancioneiro alegre de poetas portugueses e brasileiros comentado por Camillo ...* Porto e Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879.

CAVALCANTI, Paulo. *Eça de Queiroz: agitador do Brasil*. SP: Companhia Editora Nacional, 1966.

CHAGAS, PINHEIRO. DICIONARIO POPULAR, HISTORICO, GEOGRAPHICO, MYTOLOGICO, BIOGRAPHICO, ARTISTICO, BIBLIOGRAPHICO E LITTERARIO. Dirigido por Pinheiro Chagas (sócio effetivo da Academia real de Sciencias de Lisboa). 13 vol, Lisboa:Typ. Da Viúva Sousa Neves, 1884.

DICIONÁRIO BIBLIOGRÁFICO PORTUGUÊS. Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil. Continuados e ampliados por P. V. Brito Aranha. Revistos por Gomes de Brito e Álvaro Neves, Lisboa, Imprensa Nacional, 23 vol., 1858-1923.

GOMES, Ana Cláudia. *O Almanaque das Senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 2002.

ROMEO JUNIOR, S. *As letras no Brazil: duas palavras acerca de um folheto do snr. Anthero de Quental*. Braga: Typ. De Domingos Gouveia, 1866.

¹⁷ GOMES, Ana Cláudia. *O Almanaque das senhoras (1871-1927) e um projeto político de acesso feminino à cultura letrada*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 2002.